



CONTRIBUIÇÃO DOS TRABALHOS FINAIS DO CURSO DE GEOGRAFIA PARA DESENVOLVIMENTO LOCAL¹

Lucas Paulo Ngulube²
Carlitos Luiz Sitoie³

RESUMO

Analisou-se a gestão da literatura cinzenta na Universidade Save – Extensão de Massinga (UniSave) para compreender sua contribuição na mitigação de problemas socioambientais locais. Considerou-se a espacialidade como materialidade: fixos ou objetos (universidade) e a temporalidade como fluxos e ações que dinamizam o espaço geográfico. A partir da tríade do espaço de Lefebvre, o espaço vivido (*vécu*) e percebido (*perçu*) é compreendido como resultado da sistematização e materialização do conhecimento acadêmico no espaço concebido (*conçu*), gerando contradições sociais e ambientais. Adotou-se abordagem qualitativa e documental sobre produções acadêmicas de 2012 a 2021, identificando oito categorias temáticas, com destaque para Meio Ambiente e Recursos Naturais, e Agricultura e Extrativismo, que evidenciam preocupações com erosão, queimadas, gestão hídrica, degradação de ecossistemas e subsistência agrícola. Apesar desse esforço acadêmico, os trabalhos finais de curso ainda não têm sido plenamente aproveitados, devido à ausência de um sistema estruturado de seleção, avaliação e intercâmbio, associada à fraca comunicação dialógica com movimentos pós-coloniais-antirracistas e heterodoxos, o que limita o impacto socioambiental dessas produções. Estima-se que cerca de USD 10.506.720,00 investidos no período poderiam ter sido parcialmente convertidos em ações aplicadas caso houvesse maior integração universidade-comunidade. A UniSave demonstra potencial estratégico para articular pesquisa e extensão na promoção da justiça socioambiental e climática, sobretudo por meio de literatura cinzenta vinculada à geografia e áreas afins. Recomenda-se que tais ações sejam conduzidas em parceria com movimentos sociais, reduzindo a dependência de políticas externas e fortalecendo a aplicação prática do conhecimento acadêmico.

Palavras-chave: Literatura cinzenta; Desenvolvimento territorial; Justiça climática; Universidade Save.

ABSTRACT

This study analyzed the management of grey literature at Universidade Save – Massinga Extension (UniSave) to understand its contribution to mitigating local socio-environmental issues. Spatiality was considered as materiality—fixed elements or objects (university)—and temporality as the flows and actions that shape the geographical space. Based on Lefebvre’s spatial triad, the lived (*vécu*) and perceived (*perçu*) space is understood as the result of the systematization and materialization of academic knowledge within the conceived (*conçu*) space, generating social and environmental contradictions. A qualitative and documentary approach was adopted, focusing on academic productions

¹ Este artigo é resultado do projeto de pesquisa (TCC) “Gestão do Conhecimento e Produção Acadêmica em Territórios Tradicionais”, desenvolvido na Universidade Save – Extensão de Massinga em Moçambique.

² Graduado pelo Curso de Geografia com Habilitações em História da Universidade Save Extensão da Massinga- Moçambique: lucasngulube200@gmail.com;

³ Professor Doutor, Faculdade de Ciências Naturais e Exatas da Universidade Save- Moçambique: carlitossitoie@yahoo.com.br.



from 2012 to 2021, which were classified into eight thematic categories, with emphasis on Environment and Natural Resources, and Agriculture and Extractivism. These highlight concerns about erosion, wildfires, water management, ecosystem degradation, and agricultural subsistence. Despite this academic effort, final course projects have not been fully utilized due to the absence of a structured system for selection, evaluation, and exchange, combined with weak dialogical communication with postcolonial, antiracist, and heterodox movements, which limits their socio-environmental impact. It is estimated that approximately USD 10,506,720.00 invested during this period could have been partially converted into applied actions if greater university–community integration had been established. UniSave demonstrates strategic potential to articulate research and extension towards socio-environmental and climate justice, particularly through grey literature in geography and related fields. It is recommended that such actions be developed in partnership with social movements, thereby reducing dependence on external policies and strengthening the practical application of academic knowledge.

Keywords: Grey literature; Territorial development; Climate justice; Save University;.

INTRODUÇÃO

A Geografia, desde suas origens, tem sido uma ciência essencial para a compreensão das relações entre sociedade e o espaço, fornecendo subsídios para o planejamento territorial e o desenvolvimento sustentável. Isso é, o espaço para a geografia em outro ponto de vista é o espaço habitado, transformado e utilizado pelo ser humano, envolvendo as relações humanas, suas produções materiais e simbólicas, o que gere a dinâmica espacial. Dentro dessa perspectiva, diversos problemas tem se observados nesse espaço que Lefebvre denomina “*Vécu*” ou vivido, tornando-se foco da Geografia e de suas áreas afins como um espaço dinâmico, onde diversos autores tem desenvolvido teorias para a sua percepção, como exemplo, Milton Santos (2006), David Harvey (2006) e o próprio Henri Lefebvre (1974).

Sendo a Geografia uma ciência analítica e explicativa da dinâmica do espaço, no contexto acadêmico moçambicano, a produção de literatura cinzenta é pautada na instituição governamental como um instrumento que desempenha um papel central na formulação de políticas voltadas para o desenvolvimento local. Essas produções acadêmicas contribuem significativamente para o avanço regional e estão alinhadas ao tripé universitário: Ensino, Pesquisa e Extensão.

A partir desse princípio, é notório que as pesquisas desenvolvidas buscam a melhoria das condições de vida nos territórios analisados, considerando suas dinâmicas espaciais e os desafios que delas emergem. Nesse pressuposto, podemos denominar essa dinâmica como o resultado do conjunto indissociável de sistemas de ação e o conjunto de sistemas de objetos, descrito pelo Santos (2006), que pode ser analisado como percebido “*Perçu*”, concebido “*Conçu*” e Vivido “*Vécu*” (Lefebvre, 1974).



O sistema de ação ela gera objetos, portanto são indissociáveis. A ação também é o desenvolvimento de projetos e leis que condicionam a construção de objetos (universidades) enquanto força orgânica e política, capaz de intervir para o melhoramento da qualidade de vida, sob a tríade dialética do Lefebvre. Entretanto, dentro desses sistemas, emergem problemas que Lefebvre, (1974) designa contradições sócias, que exigem análise detalhada, de modo a identificar suas causas e os modos de enfrentamento.

Foi nesse contexto que a Universidade Save – Extensão de Massinga foi concebida, como o território da espacialidade ou objecto-fixo, com o propósito fundamental de impulsionar o desenvolvimento local por meio das produções de literaturas cinzentas como uma ação de estudo da temporalidade (dinâmica) e as suas contradições socioambientais. A instituição foi estruturada para que suas investigações não apenas gerem conhecimento acadêmico, mas também resultem em aplicações concretas capazes de auxiliar na solução de problemas enfrentados pela comunidade.

Tal perspectiva dialoga com a concepção freireana de universidade, que, conforme Freire (1986), critica a limitada comunicação entre as instituições de ensino superior brasileiras e a sociedade, sobretudo no que tange às comunidades rurais e periféricas. Freire (1983) propõe uma universidade progressista, sustentada pela comunicação como ação dialógica, na qual sujeitos ativos compartilham saberes e experiências para construir novas bases de conhecimento.

Nesta pesquisa, propõe-se uma análise crítica do papel da universidade a partir do seu tripé fundamental (ensino, pesquisa e extensão), com destaque para o campo da Geografia e sua produção de literatura cinzenta diante das emergências climáticas. Observa-se que, em muitos casos, movimentos ambientais e ecologistas, frequentemente alinhados a partidos políticos verdes ou a organizações não governamentais, têm priorizado estratégias adaptativas em detrimento de ações efetivas de mitigação. Em fóruns como a COP30, as discussões tendem a se concentrar em soluções generalistas e pouco contextualizadas, enquanto se negligencia a potencialidade das universidades como agentes de transformação direta territorial.

Neste estudo, a universidade é compreendida não apenas como espaço de formação crítica, mas também como agentes-pesquisadores pragmáticos, isto é, como um espaço em que o seu objetivo extrapola a lógica restrita ao desenvolvimento de competências competitivas no contexto capitalista, e na divulgação científica, engajando-se como agentes ativo em ações micro-regionais que contribuam tanto para a mitigação quanto para a adaptação climática. Para isso, é necessário que atuem como agentes-pesquisadores pragmáticos, voltados à resolução concreta dos problemas do cenário atual das alterações climáticas de forma direta e



micro/regional, juntando-se aos movimentos pós-coloniais, antirracistas e heterodoxos, assumindo uma presença ativa nos espaços públicos e nos processos de mobilização social para a execução desses projetos. Tal postura dialoga com a concepção de Ferdinand (2022, p. 23), que denuncia a persistência de uma dupla fratura colonial e ambiental como estruturante das desigualdades contemporâneas, apontando para a necessidade de uma justiça social e climática que ultrapasse os marcos tradicionais de desenvolvimento.

Com base no compromisso universitário, fundamentado no tripé, a universidade Save oferece cursos de graduação em Geografia e Gestão Ambiental, além do programa de pós-graduação em Ambiente e Desenvolvimento Sustentável das Comunidades, cujo foco é à análise da dinâmica do espaço geográfico moçambicano. Dessa forma fortalece-se a interação entre academia e sociedade, promovendo soluções efetivas para os desafios socioambientais da região.

A título das produções cinzentas, como monografias, dissertações e teses, que abordam problemas enfrentados pelas comunidades locais, como exemplos emblemáticos, a monografia de Tchaina Lissai Muhave, intitulada "Educação ambiental como estratégia para a mitigação da erosão pluvial no bairro 21 de abril no município de Massinga"; a dissertação de Delmiro Lucia Nhamane, "Mapeamento do Povoado de Nhambele: uma estratégia de avaliação dos níveis de degradação"; e a tese de Carlitos Luis Sitoie, "Geografia de espaços marginalizados e conhecimentos escondidos". Essas literaturas, assim como as 24 analisadas, têm potencial para propor soluções concretas aos desafios enfrentados pela comunidade.

Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo compreender a gestão da literatura cinzenta na Universidade Save – Extensão de Massinga (UniSave), em parceria com a comunidade e o governo, visando à solução de problemas locais. Para tanto, adotou-se uma abordagem mista (qualitativa e quantitativa), integrando método documental, correspondente à análise dos relatórios da universidade e à análise detalhada das literaturas cinzentas disponíveis no repositório institucional da UniSave. O método bibliográfico foi fundamentado na teoria da produção do espaço, proposta por Henri Lefebvre (1974) segundo a qual o espaço deve ser analisado a partir de três dimensões: percebido “*Perçu*”, concebido “*Conçu*” e vivido “*Vécu*”.

Essa tríade espacial relaciona-se diretamente às categorias do espaço geográfico (lugar, região, paisagem e território) permitindo interligar a dimensão acadêmica e científica à dimensão social, produzida material e simbolicamente nos territórios, isso é.

O espaço percebido “*Perçu*” está associado à paisagem, que representa a dimensão sensorial e visível do espaço. É por meio dela que os problemas reais se tornam perceptíveis,



possibilitando ao geógrafo compreender a espacialidade/materialidade dos elementos que o constituem e propor intervenções adequadas.

O espaço concebido “*Conçu*” refere-se ao território, aqui entendido como o espaço resultante da construção de identidades materiais e simbólicas, constituído por professores, estudantes e pela própria produção da literatura cinzenta. Este território reflete as regras e normas que orientam a produção científica e organizam a concepção acadêmica.

Por fim, o espaço vivido “*Vécu*” corresponde ao lugar, onde ocorrem as práticas cotidianas da população. É nesse plano que emergem problemas inatos e involuntários do dia a dia, como o depósito de lixo em locais impróprios, a ocorrência de crimes, acidentes e a construção desordenada, que refletem a vivência direta dos habitantes numa dada região.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com docentes, estudantes, o diretor da universidade e a governadora do distrito da Massinga.

Considerando a importância da literatura cinzenta e sua aplicação em políticas públicas, esta pesquisa busca analisar como esses documentos contribuem para o planejamento e a implementação de ações voltadas ao desenvolvimento local.

Os resultados indicam que, entre 2012, ano das primeiras defesas de monografias, e 2021, ano da realização da pesquisa, o governo investiu aproximadamente dez milhões, quinhentos e seis mil, setecentos e vinte dólares norte-americanos (10.506.720,00 USD). A análise detalhada das literaturas disponíveis no repositório institucional, permitiu identificar oito categorias temáticas centrais, sendo a mais recorrente Meio Ambiente e Recursos Naturais, o que evidencia a preocupação dos estudantes com questões ambientais, como erosão, queimadas, gestão hídrica e degradação dos ecossistemas.

Apesar desse esforço acadêmico, os trabalhos de conclusão de curso na UniSave ainda não têm sido plenamente aproveitados, principalmente devido à ausência de um sistema estruturado para seleção e avaliação das literaturas pertinentes a problemas concretos, bem como a falta de intercâmbio entre a universidade e movimentos pós-coloniais, antirracistas e heterodoxos por causa da inexistência da comunicação dialógica, limita significativamente o impacto social e ambiental dessas produções.

Esta pesquisa evidencia não apenas a importância da interação entre universidade e sociedade, mas também aponta caminhos para aprimorar a gestão do conhecimento produzido nas instituições de ensino superior. As universidades são compreendidas aqui como agentes potenciais que ultrapassam o mero papel de fomentar pensamento crítico e competências competitivas no mercado, assumindo um protagonismo direto no enfrentamento das mudanças climáticas por meio de suas pesquisas. Uma perspectiva de universidade articuladora-



pragmática orientada por ela para a responsabilidade social e ambiental. Considerando que a dinâmica do espaço global é impactada pelas mudanças climáticas, universidades que dispõem de literatura cinzenta aplicável nas áreas de geografia e afins podem exercer papel significativo na mitigação desses impactos.

METODOLOGIA

Nesta pesquisa a revisão bibliográfica foi fundamentada em autores clássicos e contemporâneos da Geografia e das Ciências Sociais, com destaque para Henri Lefebvre (1995), por meio da teoria da “dialética da dupla complexidade”, Milton Santos, (2006), Malcom Ferdinand (2022), e FREIRE, P. (1983) e incluiu uma análise documental, que consistiu na leitura exploratória dos relatórios anuais das atividades universitária (2012, 2015 e 2022), fornecidos pelo Departamento de Registro Acadêmico e na análise detalhada de 24 Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) defendidos entre 2012 e 2021. Desses, 19 pertencem à graduação em Geografia e Gestão Ambiental e 5 ao programa de pós-graduação em Ambiente e Desenvolvimento Sustentável das Comunidades, abordando diagnósticos de problemas socioambientais, dinâmicas territoriais e práticas de desenvolvimento local.

A análise detalhada das literaturas cinzentas foi acompanhada por uma avaliação diagnóstica que orientou a seleção dos trabalhos, considerando a afinidade temática com os eixos de desenvolvimento territorial e a disponibilidade dos materiais no acervo físico da instituição. Por fim, a análise seguiu uma abordagem qualitativa, com a identificação de categorias centrais a partir da leitura flutuante e da posterior codificação dos conteúdos, destacando-se as seguintes dimensões: relação universidade-comunidade; diagnóstico territorial; propostas de intervenção e participação dos atores locais, fundamentando-se na concepção freireana apresentada em *Extensão ou comunicação?* (FREIRE, 1983).

REFERENCIAL TEÓRICO

Debateremos neste texto em torno de quatro (4) autores como ponta de lança: Henri Lefebvre (1974), a partir da sua teoria de dupla complexidade; Milton Santos (2006), a partir da sua concepção da natureza do espaço; e Malcom Ferdinand (2022), a partir da sua proposta da dupla fratura colonial e ambiental, exposta no livro *Uma ecologia decolonial* e FREIRE, P. na obra intitulada “*Extensão ou comunicação?*”. 1983.



Lefebvre (1974), nos apresenta a teoria da Dialética da dupla complexidade e nos alerta que as contradições sociais não se restringem apenas das relações de classes, mas desencontros entre espacialidades e temporalidades, e propõem que, um espaço deve ser analisado como um espaço percebido “*Perçu*”; concebido “*conçu* e vivido *Vecú*”, denominada tríade espacial.

A temporalidade e a espacialidade elas são o componente da organização do espaço geográfico, correlacionando-as com a concepção de Santos, a espacialidade expressa a materialidade e a configuração territorial, ela corresponde ao conjunto de fixos, isto é, são Objetos (infraestrutura de transporte, edificações da universidade etc), que dão suporte as práticas sociais. Nesta categoria, descobre a tríade dialética do Lefebvre, enquanto a temporalidade traduz as sucessivas apropriações e usos que transformam o espaço ao longo do tempo, a esta corresponde aos fluxos, isto é, as ações e elas são os dinamizadores. Concordamos com Santos (2006) quanto à indissociabilidade desses dois elementos para a compreensão do espaço.

No que se refere às universidades, estas podem ser observados como espacialidades / materialidade / fixos ou objetos cujo papel, segundo Buron (2016) “extrapola a simples tarefa de formar jovens para o mercado de trabalho, incluindo em seus planos de ensino e suas metodologias a tarefa de atribuir a eles o senso crítico, e prepará-los para uma sociedade em transformação, uma sociedade competitiva e capitalista” (Capitalismo, não é?) por outra, podemos afirmar que, as universidades surgiram em conjunto com a sociedade, na ótica de sua dimensão política, ela tem o papel de configurar o espaço de disputa entre grupos dominantes e dominados, como ressaltam Lima et al. (2014, p. 23-24):

[...] Os dominantes são os que definem o capital social legítimo do campo – objeto de disputa entre seus participantes – e, portanto, as regras do jogo. Tendem à ortodoxia e desenvolvem estratégias de conservação; enquanto os dominados tendem à heterodoxia e ao uso de estratégias de subversão da ordem.

Nesta perspectiva, os dominantes (ortodoxos) correspondem aos agentes que compõem o espaço concebido (*conçu*). As universidades, entendidas como territórios que resultam da construção de identidades materiais e simbólicas, formadas por professores, estudantes e pela produção da literatura cinzenta. Esses agentes representam a espacialidade (fixos), que organiza e estrutura o espaço segundo as regras do método científico, orientando-o para “uma prática da liberdade, um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade” (FREIRE, 1921, p. 15), articulando o espaço concebido com o percebido (*perçu*) e o vivido (*vecú*).



Em contraste, os dominados (heterodoxos), como comunidades indígenas, quilombolas e outros grupos tradicionais, vivenciam as dinâmicas da temporalidade (dinâmica), manifestada pelos fluxos de ações que transformam continuamente o espaço, gerando conflitos terras, construções de barragens, massacres, assassinatos e criminalização de liderança nos territórios e outras mudanças socioambientais. Assim, a interação entre espacialidade e temporalidade revela a construção histórica do território, destacando a relação entre o poder dominante e as práticas de resistência e transformação social, conforme enfatizam Lefebvre (1974) e Santos (2006).

Esse cenário, que Lefebvre denomina contradições sociais, constitui objeto de estudo da geografia. No entanto, observa-se que as universidades, como instituições vinculadas à dimensão política da colonialidade do poder “conceito proposto pelo Aníbal Quijano (2000)”, frequentemente limitam-se à produção de literatura cinzenta e à formação de jovens para o mercado de trabalho, deixando em segundo plano a promoção dela como agente articuladora-pragmática.

A partir dessa observação, buscamos lançar uma crítica ao papel das universidades, conforme descrito por Buron (2016). Em nossa análise, constatamos que elas funcionam como espaços reprodutores do colonialismo ou por outra, podemos designá-las como espaços de colonialidade. como isso se manifesta?

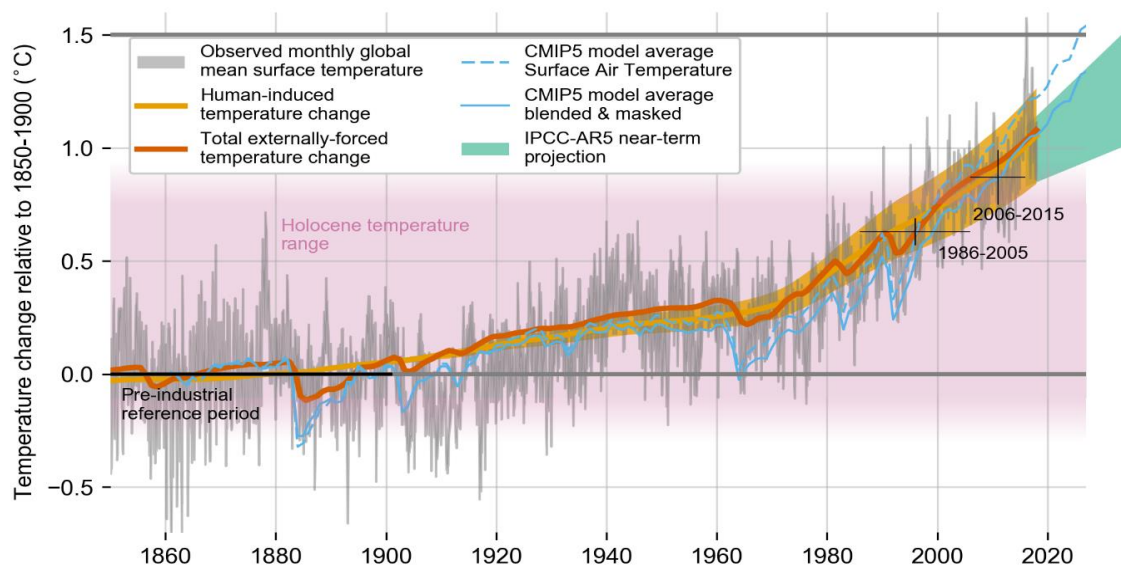
Conforme argumenta Ferdinand (2022, p. 99), “desde os anos 1960 e 1970 observa-se o início de um movimento ambientalista global, incluindo as primeiras cúpulas da Terra, o surgimento de partidos políticos ecologistas, a atuação de organizações não governamentais, o reconhecimento do *Earth Day* nos Estados Unidos e, ainda, o relatório do Clube de Roma em 1972, que lançou alertas relativos à degradação dos ecossistemas do planeta”.

Nesse contexto, as universidades já vinham passando por alterações em seu papel formador, enquanto espacialidades, materialidades e fixos que compõem a concepção socioambiental, elas foram sujeitas às temporalidade (dinâmicas), incorporando gradualmente a preocupação ambiental em seus processos formativos, sobretudo pela inserção de matérias e conteúdos específicos nos currículos, como as disciplinas de Educação Ambiental nos período de 1970 (Conferência de Estocolmo); 1977 (Conferência de Tbilisi) e em 1980 (vários países começaram a inserir conteúdos de Educação Ambiental em seus sistemas de ensino de forma transversal ou como disciplinas específicas).

No entanto, os problemas ambientais tendem a se agravar, sendo um exemplo emblemático, os efeitos da temporalidade (ação) que nos leva as mudanças climáticas globais. Segundo o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, 2021). Figura 1, a

temperatura média global já aumentou aproximadamente $1,1^{\circ}\text{C}$ em relação aos níveis pré-industriais, com projeções de que o limite de $1,5^{\circ}\text{C}$ poderá ser atingido ou superado nas próximas duas décadas, caso a emissão de gases de efeito estufa não sejam significativamente reduzidas.

Figura 1: Evolução da temperatura média global da superfície (GMST) durante o período de observações instrumentais.



Fonte: Adaptado do IPCC, 2021⁴.

Esta análise crítica acerca das universidades como espaços de reprodução colonial ou da colonialidade na área da pesquisa, fundamenta-se na concepção de Ferdinand (2022, p. 23), que destaca a “parte da constatação da dupla fratura colonial e ambientais da modernidade, que separa a história colonial e a história ambiental do mundo. Essa fratura se destaca pela distância entre os movimentos ambientais e ecológicas, de um lado, e os movimentos pós-coloniais e antirracistas, de outro, os quais se manifestam nas ruas e nas universidades sem se comunicar”.

⁴ A linha sombreada cinza mostra o GMST médio mensal nos conjuntos de dados HadCRUT4, NOAA GlobalTemp, GISTEMP e Cowtan-Way, expressos como desvios de 1850-1900, com espessura de linha cinza variável indicando intervalo entre conjuntos de dados. Todos os conjuntos de dados observacionais mostrados representam o GMST como uma média ponderada da temperatura do ar próximo à superfície sobre a terra e a temperatura da superfície do mar sobre os oceanos. As contribuições induzidas pelo homem (amarelo) e totais (humano e naturalmente forçado, laranja) para essas mudanças no GMST são mostradas calculadas de acordo com Otto et al. (2015) e Haustein et al. (2017). A incerteza fracionária no nível de aquecimento induzido pelo homem em 2017 é igual a $\pm 20\%$ com base em várias linhas de evidência. Linhas azuis finas mostram a temperatura média global modelada do ar da superfície (tracejada) e a temperatura da superfície do ar e do mar misturada, contabilizando a cobertura observacional (sólida) da média do conjunto histórico CMIP5 estendida com forçamento RCP8.5 (Cowtan et al., 2015; Richardson et al., 2018). O sombreamento rosa indica uma faixa de flutuações de temperatura ao longo do Holoceno (Marcott et al., 2013). A pluma verde clara mostra a previsão AR5 para GMST médio em 2016-2035 (Kirtman et al., 2013).



Os movimentos ambientais, ecológicos ortodoxos aqui referidos incluem iniciativas como as Cúpulas da Terra, partidos ecologistas, organizações não governamentais e mobilizações como o *Earth Day* nos Estados Unidos e etc, cujo foco recai predominantemente sobre estratégias de adaptação face às consequências ambientais, sem enfrentar de modo integral as raízes estruturais do problema.

Por outro lado, os movimentos pós-coloniais, antirracistas heterodoxos que caracterizam-se por uma atuação popular e de massa, frequentemente à margem de estruturas partidárias, com ênfase na luta por justiça climática. Esses movimentos experienciam diretamente as desigualdades produzidas pelas dinâmicas do desenvolvimento sustentável em seus territórios. No entanto, conforme observa Ferdinand, as universidades permanecem, em grande medida, restritas a seus espaços de produção científica, sem estabelecer um diálogo efetivo com essas manifestações. Paradoxalmente, são elas as principais produtoras de concepções teóricas (*conçu*) que servem de base a muitos dos movimentos ambientais e ecológicos, os quais, embora relevantes, pouco avançam na mitigação estrutural dos problemas e desenvolve-se estratégias de adaptação, perpetuando assim seus efeitos no espaço real da vida, tanto no percebido (*perçu*) quanto no vivido (*vécu*) pela sua concepção capitalista-desevolvimentista, (então ela é reprodução colonial ou da colonialidade).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Universidade Save Campus de Massinga, por meio de seu tripé universitário: Ensino, Pesquisa e Extensão, especialmente no curso de Geografia, tem desenvolvido pesquisas voltadas ao diagnóstico de problemas socioambientais, às dinâmicas territoriais e às práticas de desenvolvimento local. Paulo Freire (2005), em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, destaca a importância de uma educação que promova a conscientização e a transformação social. Aqui propõem-se uma universidade como agente articulador-pragmático das suas pesquisas. Para a consolidação dos objetivos deste estudo, partiu-se da identificação do nível de financiamento das pesquisas, com os valores expressos em meticais (Moeda de Moçambique).

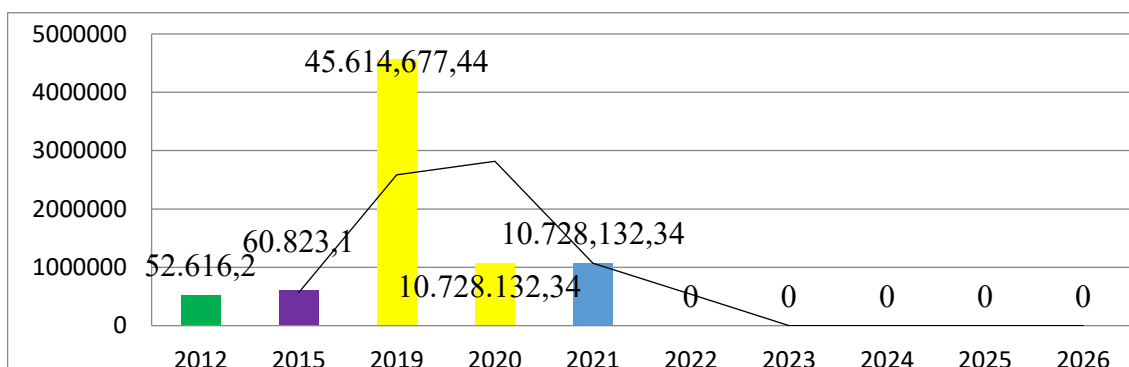
Conforme a figura 2 a baixo, observa-se que o financiamento público destinado à pesquisa apresentou uma tendência crescente ao longo do período analisado, com destaque para o ano de 2019, que registrou o maior valor: 4.614.677,44 MZN. Comparativamente, entre 2012 (52.616,2 MZN) e 2015 (60.823,1 MZN), houve um aumento de aproximadamente 15,5%. O salto mais expressivo ocorreu entre 2015 e 2019, com um incremento de cerca de 7.493,6%,

refletindo o processo de transição da Universidade Pedagógica para a Universidade Save, quando o orçamento passou a incluir também a extensão da Maxixe.

Em 2020, o financiamento apresentou queda para 10.728.132,34 MZN, valor que se manteve estável em 2021, indicando um período de estabilização após o pico registrado. No geral, entre 2012 e 2021, a variação acumulada foi de aproximadamente 20.300%, evidenciando um crescimento expressivo no financiamento da pesquisa nesse intervalo.

A análise do acumulado no período entre 2012 ano das primeiras defesas de monografias e 2021, ano de realização desta pesquisa, revela que o governo investiu aproximadamente 670.812.374,00 MZN, o que corresponde a cerca de 10.506.720,00 USD.

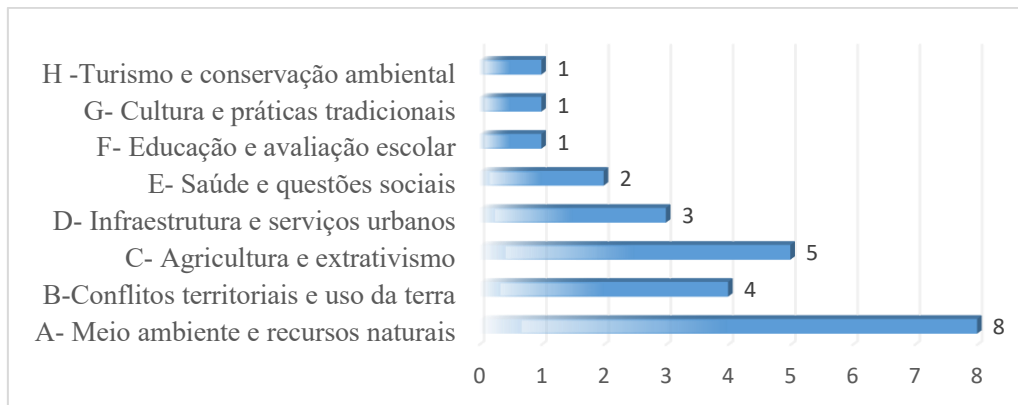
Figura 2: Evolução orçamental na área da pesquisa 2012-2021



Fonte: Elaboração própria 2022.

Como passo subsequente, realizou-se a análise qualitativa de 24 monografias e 6 dissertações do curso de Geografia, Gestão Ambiental e do programa de pós-graduação em Ambiente e Desenvolvimento Sustentável das Comunidades, desenvolvidas entre 2020 e 2021 na Universidade Save, permitindo identificar oito categorias temáticas centrais definidas a partir da análise detalhada dos títulos e objetivos dos trabalhos, vide a Figura 3. Essas categorias foram: (A) Meio ambiente e recursos naturais; (B) Conflitos territoriais e uso da terra; (C) Agricultura e extrativismo; (D) Infraestrutura e serviços urbanos; (E) Saúde e questões sociais; (F) Educação e avaliação escolar; (G) Cultura e práticas tradicionais; e (H) Turismo e conservação ambiental.

Figura 3: Distribuição dos trabalhos analisados por categoria temática



Fonte: Elaboração própria 2022.

A categoria mais recorrente foi Meio Ambiente e Recursos Naturais, com oito trabalhos, evidenciando a preocupação dos estudantes com questões como erosão, queimadas, gestão hídrica e degradação dos ecossistemas. Em seguida, destaca-se Agricultura e Extrativismo, com cinco ocorrências, refletindo a relevância do setor primário para a subsistência e a organização econômica das comunidades locais.

Em análise crítica, destacando a proposta universidade articuladora-pragmática, esses trabalhos podem ser aplicados de modo a contribuir diretamente para a resolução de problemas ambientais, com a universidade atuando como protagonista, em parceria com movimentos pós-coloniais, antirracistas e heterodoxos, estabelecendo o que Freire (1983) designa de “comunicação como ação dialógica, na qual sujeitos ativos compartilham saberes e experiências para construir novas bases de conhecimento” e resolver problemas que a mesma ciência trás em busca de desenvolvimento e de sustentabilidade que degradam o meio ambiente a favor dos ortodoxos.

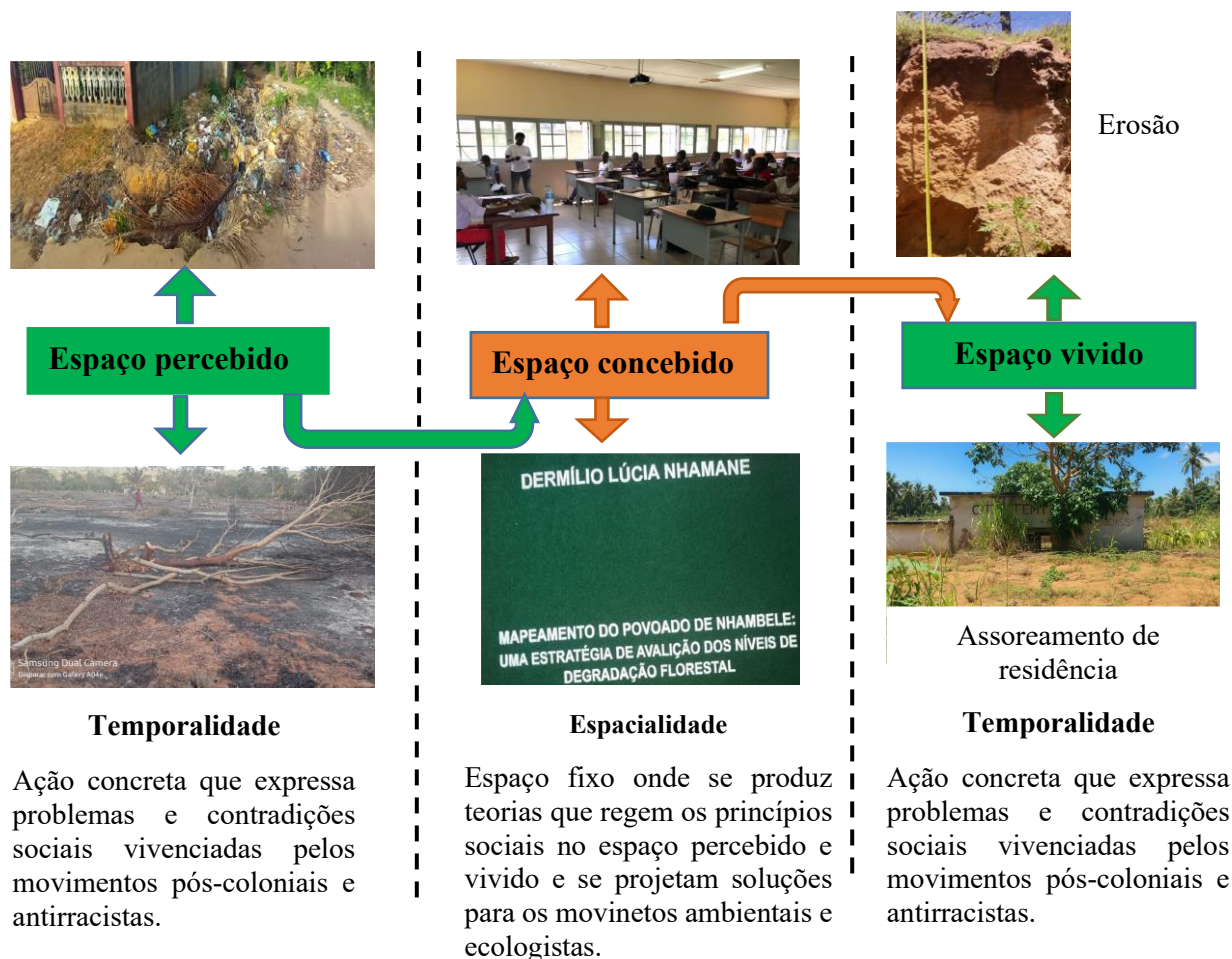
A análise detalhada das literaturas cinzentas e sua posterior categorização, colocadas na perspectiva da tríade de Lefebvre, mostra que a sociedade ocupa, nesse contexto, uma posição central como referência da espacialidade (materialidade, fixo ou objeto) e da temporalidade (fluxo, ação dinamizadora), articuladas para definir o espaço vivido em um território. A partir dessa articulação, entre três dimensões espaciais distintas: o espaço percebido “*perçu*”, correspondente à realidade; o espaço concebido “*conçu*”, relativo ao acadêmico; e o espaço vivido “*vécu*”, relacionado às ações concretas e políticas públicas desenhada pelos partidos políticos, ambientais e ecologistas.

A temporalidade (dinâmica), como ação humana sobre a espacialidade que são indissociáveis, faz surgir as contradições sociais que se caracterizam pela circulação do conhecimento. Mas inicialmente, como é apresentado na figura 4, é no espaço percebido onde

há percepção dos problemas e das necessidades sociais, sendo sistematizada no espaço concebido onde se manifesta em ações e políticas públicas que só beneficiam os movimentos políticos-ortodoxos, ambientais e ecologistas “desenvolvimentistas” e concretiza-se no espaço vivido, gerando, dessa forma, as contradições sociais do percebido e do vivido.

Nesse processo, a literatura cinzenta atua como elo entre a realidade percebida na sociedade e a universidade concepitora, sendo fundamental para a compreensão e formulação de políticas que dinamizam o território vivido. A partir desse pressuposto, a universidade se configura como pontencial agente articulador-pragmático junto aos movimentos pós-coloniais, antirracistas e heterodoxos, que se expressam nas ruas.

Figura 4: Integração entre Espaço Percebido, Concebido e Vivido no Protagonismo Universitário para a Resolução de Problemas Ambientais: Atuação junto a Movimentos Pós-Coloniais e Antirracistas.



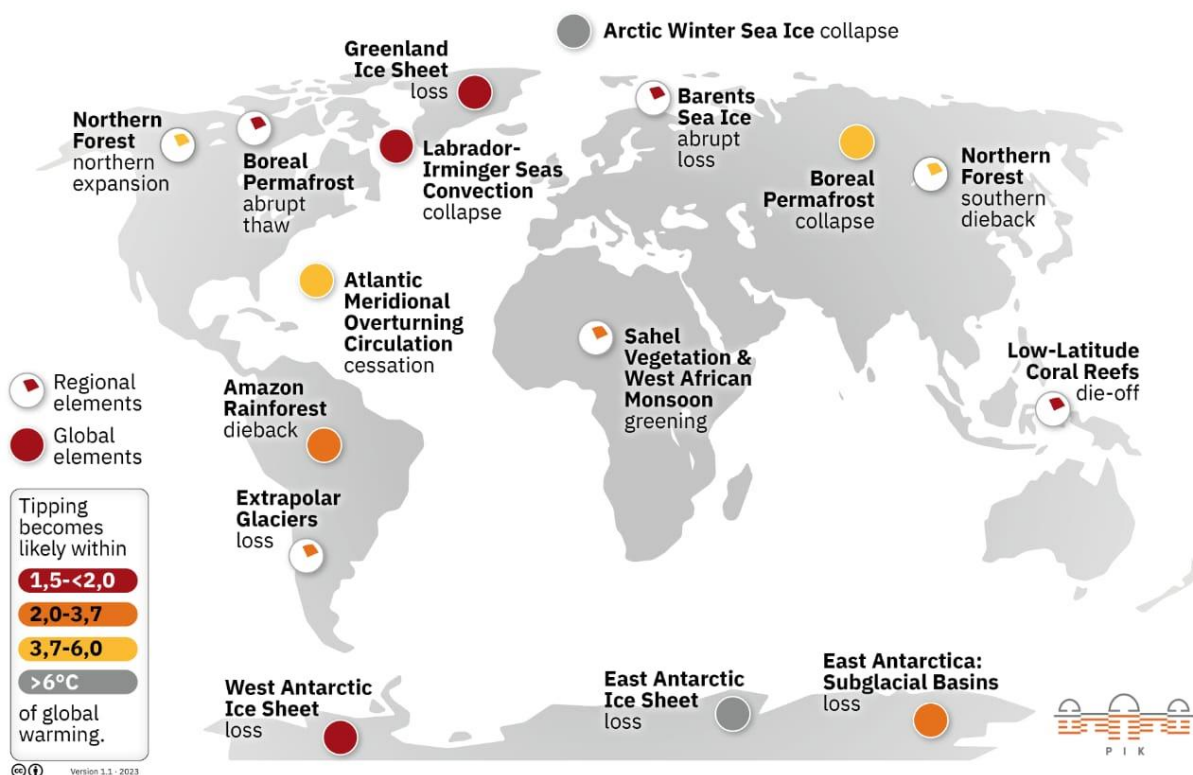
Fonte: Elaboração própria 2022.

Com base na figura acima, pode-se afirmar que vivemos aquilo que percebemos como resultado da temporalidade (dinâmica), e essa percepção é sistematizada nas espacialidades

(universitárias fixas e materializadas) das ações percebidas, que, por sua vez, dinamizam o vivido de forma cíclica.

Então, podemos afirmar que, primeiro, somos o resultado do que percebemos para poder viver, e não vivemos para perceber. A gente percebe como ação cognitiva, preceptiva, linguística e pragmática, e, a partir dessas fases do pensamento, gera-se o vivido, que, nos tempos atuais das reparações histórico-ambientalistas, a concepção (literaturas cinzentas de Geografia e áreas afins) sistematizada se mostra uma chave de ouro para responder aos dilemas que “reúnem a materialidade e a vida que a anima” (SANTOS, 2006, p. 38) dentro das contradições sociais. A título dessa situação de percebemos para viver e não vivemos para perceber, vejamos o cenário global das alterações climáticas vide na figura 5 abaixo que é o resultado da percepção e sistematização das contradições socioambientais no espaço vivido.

Figura 5: Pontos de não retorno associados à mudança do clima.



Fonte: <https://www.pik-potsdam.de/en/output/infodesk/tipping-elements>

Percebe-se que o mundo atravessa transformações profundas, condicionadas pela temporalidade (dinâmica) intensificadas pela ação antrópica, fenômeno caracterizado pelo que Crutzen (2002) denominou de *Antropoceno*. Apesar da ampla evidência científica acerca dessas mudanças, grande parte da sociedade ortodoxa e de movimentos pós-colônias e ambientalistas

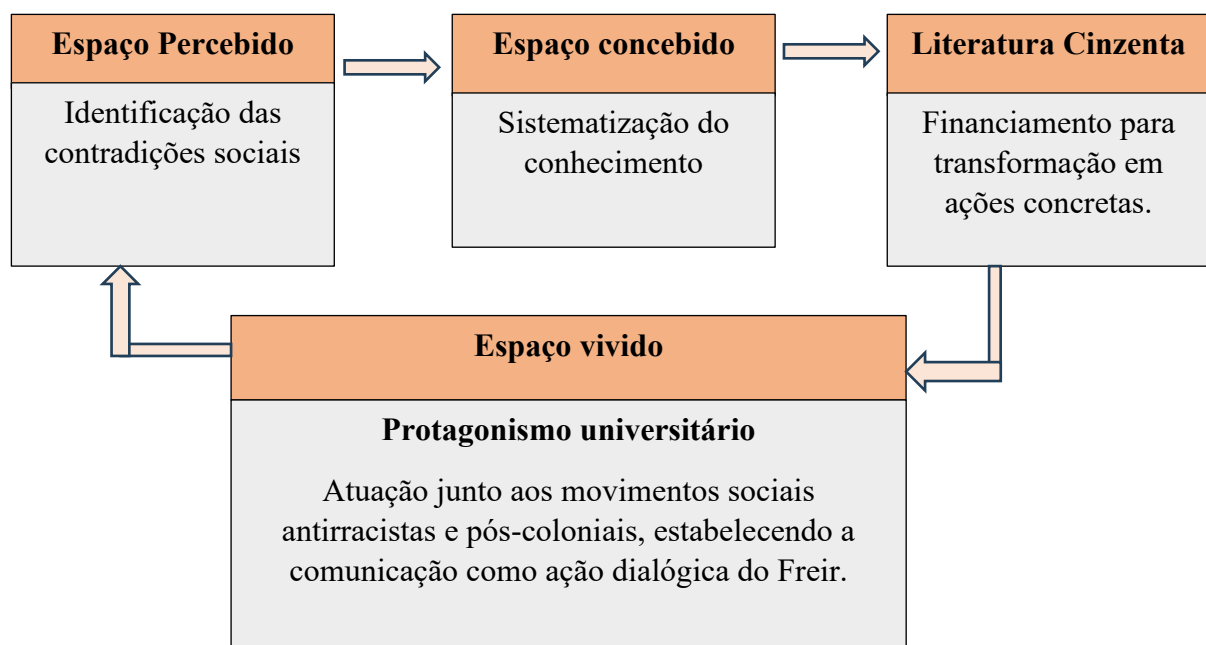


tais como Cúpulas da Terra, partidos ecologistas, organizações não governamentais e etc, opta por permanecer na ignorância e sustentar uma visão ilusória, desconsiderando os impactos ambientais e apoiando projetos frequentemente rotulados como “desenvolvimento sustentável”.

Com base nesses dados progressivos, torna-se evidente que chegou o momento de as universidades não se limitarem a lutar pelo título de pesquisador, pelos prêmios ou pela formação de indivíduos voltados apenas ao capitalismo. Elas devem também desenvolver movimentos pedagógicos regionais que direcionem suas pesquisas para ações concretas na sociedade, promovendo enfrentamentos frente a políticas ambientalistas ou desenvolvimentistas que impactam diretamente a população e o território.

Esse enfrentamento deve seguir uma sequência lógica baseada na tríade de Lefebvre, considerando os elementos identificados em cada produção de literatura cinzenta que os avaliadores do curso julgarem pertinentes e viáveis para execução na região estudada. Tais ações não devem envolver políticas parlamentaristas ou ambientalistas externas, sendo de responsabilidade exclusiva da universidade em parceria com movimentos sociais pós-coloniais, antirracistas e heterodoxos. Essa dinâmica poderia ser organizada conforme a figura 6 abaixo.

Figura 6: Integração entre espaço percebido, concebido e vivido na resolução de problemas ambientais



Fonte: Elaboração própria 2022.



REFLEXÃO

Que tipo de sociedade as universidades, enquanto forças orgânicas e políticas, pretendem construir?

Durante a elaboração deste texto, essa pergunta não saía da mente.

É perceptível que o tempo avança, e caminhamos rumo a uma crise climática cada vez mais grave. Nesse contexto, as COPs propõem que apenas as duas maiores economias do mundo (China e Estados Unidos) assumam a responsabilidade principal de unir esforços. Paradoxalmente, esses mesmos países, que estão entre os maiores emissores de gases de efeito estufa, anunciam uma ajuda de 100 bilhões de dólares anuais para os países mais pobres e mais afetados, destinada a medidas de adaptação. No entanto, essa promessa nem sempre é cumprida, e ainda há resistência em aceitar plenamente o conceito de compensação pelos danos já causados.

Essa mudança de rumo, entretanto, só será possível mediante a transformação das universidades como agentes articuladores-pragmáticos, atuando de forma articulada com movimentos pós-coloniais e antirracistas, capazes de promover alternativas efetivas e sustentáveis.

Para aprofundar essa reflexão da relevância da virada dos objectivos das univercidades, recomenda-se assistir ao vídeo que apresenta, em seis minutos (6 mim), a urgência dessa virada no cenário mundial disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zK3EIHOWtIc>,

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa evidenciou que a gestão da literatura cinzenta na Universidade Save – Extensão de Massinga (UniSave) possui grande potencial para contribuir com o desenvolvimento territorial e a solução de problemas socioambientais locais sendo a univercidade como a gente articulador-pragmático das suas pesquisas. Entre 2012 e 2021, a produção acadêmica abordou prioritariamente Meio Ambiente e Recursos Naturais e Agricultura e Extrativismo, refletindo a preocupação dos estudantes com desafios ambientais e econômicos da região. No entanto, a ausência de um sistema estruturado para seleção e avaliação das literaturas pertinentes a problemas concretos, bem como a falta de intercâmbio entre a universidade e movimentos pós-coloniais, antirracistas e heterodoxos, que são a consequência da inexistência de uma comunicação dialógica, que acaba limitando significativamente o impacto socioambiental dessas produções. Este fator representa, em



termos financeiros, uma potencial perda de aproximadamente dez milhões, quinhentos e seis mil, setecentos e vinte dólares norte-americanos (10.506.720,00 USD), valores que poderiam ser convertidos em financiamento para pesquisas já existentes para a execução.

A integração entre espaço percebido, concebido e vivido demonstra que a universidade pode assumir um papel estratégico, articulando pesquisa, extensão e ensino para promover justiça social e climática, especialmente por meio da produção de literatura cinzenta que seja julgada pertinente e viável pelos avaliadores do curso para execução na região estudada. Tais ações devem ser conduzidas prioritariamente pela universidade, em parceria com movimentos sociais pós-coloniais, antirracistas e heterodoxas, sem depender de políticas parlamentaristas ou ambientalistas externas, garantindo que o conhecimento acadêmico se traduza em soluções concretas para problemas ambientais locais e globais.

REFERÊNCIAS

BURON, R.; MONTAGNER. **O papel da universidade na formação do perfil profissional**. [S. l.], 2016.

CRUTZEN, P. **Geologia da humanidade**. *Natureza*, v. 415, p. 23, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1038/415023a>.

FERDINAND, M. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho**. Tradução: Leticia Mei. São Paulo: Ubu Editora, 2022. 320 p.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **O compromisso popular da universidade**. In: FREIRE, P.; NOGUEIRA, A.; MAZZA, D. (Orgs.). *Universidade e compromisso popular*. Campinas: PUC Campinas, 1986.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2006.

IPCC – INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE. **Climate Change 2021: The Physical Science Basis. Summary for Policymakers**. 2021. Disponível em: https://www.ipcc.ch/report/ar6/wg1/downloads/report/IPCC_AR6_WGI_SPM.pdf. Acesso em: 23 ago. 2025.

LAYRARGUES, P. L.; LIMA, G. F. da C. **As macro-tendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira**. [S. l.], 2014.

LEFEBVRE, H. **La production de l'espace**. Paris: Éditions Anthropos, 1974.

MUHAVE, T. L. **Educação ambiental como estratégia para a mitigação da erosão pluvial no bairro 21 de abril no município de Massingá**. Monografia.



ENANPEGE

XVI Encontro Nacional de Pós-Graduação e
Pesquisa em Geografia

NHAMANE, D. L. **Mapeamento do Povoado de Nhambele: uma estratégia de avaliação dos níveis de degradação.** Dissertação.

QUIJANO, A. **Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina.** In: LANDER, E. (Org.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas.* Buenos Aires: CLACSO, 2000. Disponível em: <https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20140507042402/eje3-8.pdf>. Acesso em: 1 set. 2025.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SITOIE, C. L. **Geografia de espaços marginalizados e conhecimentos escondidos.** [S. l.: s. n.], [s. d.]. Tese.